

A LIBRAS COMO POTENCIALIZADORA DE CONTEÚDOS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Larissa Christine Pinheiro Nunes ¹
Aline da Silva Filgueiras ²

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir acerca de uma experiência docente, frente ao projeto interdisciplinar “Mãos que falam” desenvolvido com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de São Luís – MA, centrando-se em como o ensino de conteúdos programáticos pode ser potencializado por meio da Língua Brasileira de Sinais – Libras, além de expandir socialmente essa língua, pode promover a inclusão social e escolar dos surdos. As bases teóricas foram buscadas em marcos legais e bibliografia de autores como Felipe (1997), Quadros (1998), entre outros, pois desenvolvem pesquisas e análises de suma importância para o tema aqui apresentado.

Palavras-chave: Libras, Metodologia, Ensino Fundamental, Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

É sabido que a comunicação pressupõe condição *sine qua non* para o aprendizado, Vygotsky (1991, p. 34) afirmou que toda aprendizagem é mediada pela linguagem. Nesse contexto, salientamos que as línguas de sinais possuem riquezas linguísticas assim como as línguas orais, e oferece as mesmas possibilidades de constituição de significados, cumprindo assim, um papel fundamental na educação de surdos e ouvintes.

Seguindo essa prerrogativa, a presente pesquisa é resultante de experiências docentes vivenciadas no Programa de Residência Pedagógica, financiado pela CAPES em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. A Residência Pedagógica é uma ação que integra a formação acadêmica dos cursos de licenciatura por meio do desenvolvimento de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, desenvolvidos em parceria com as redes públicas de educação básica.

Trata-se de um programa de suma relevância uma vez que oportuniza a vivência da realidade em seu campo de trabalho, capacitando para um melhor desempenho de sua atividade docente. Outrossim, também contribui com a formação continuada dos professores das escolas-

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, larissa181098@hotmail.com;

² Graduanda do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, alyny.filgueirasilva15@hotmail.com;

campo, por promover o debate acadêmico científico, a formação e prática docente, considerando a realidade brasileira.

Nessa perspectiva, o projeto “Mãos que falam”, que culminou na elaboração deste artigo, foi desenvolvido em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola localizada na Zona Urbana de São Luís – MA e cujas análises estarão dispostas abaixo.

No que diz respeito a pesquisa, adotou-se o caráter qualitativo, com levantamento bibliográfico e legal. Além de aplicação de roteiro de entrevista semiestruturado para obtenção de dados acerca dos conhecimentos prévios, interesses de aprendizagem e experiências dos alunos ouvintes com a Língua Brasileira de Sinais.

Seguindo essa prerrogativa, a relevância da pesquisa se revela sob duas óticas: social e acadêmica. Social, posto que busca oportunizar a acessibilidade comunicacional aos surdos nos mais diversos âmbitos da sociedade, com a propagação da Libras. E do ponto de vista acadêmico, pois gera contribuições para o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos, denotando possibilidades para a prática pedagógica dos profissionais que atuam ou pretendem atuar na área.

Por fim, ressaltamos que propostas educacionais como essa são positivas no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que criam um ambiente favorável à apropriação dos conteúdos. E todas as possibilidades devem ser consideradas quando se projeta ou se oferta uma educação pautada na qualidade e no atendimento a todos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para embasar a pesquisa é de caráter qualitativo, centrando-se na compreensão de como o ensino de conteúdos programáticos pode ser potencializado por meio da Libras, além de expandir socialmente essa língua, possibilitando maiores espaços de comunicação dos surdos. Com efeito, de acordo com Godoy (1995, p.58), a pesquisa de abordagem qualitativa:

[...] não procura enumerar e/ou medir os processos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos, onde é possível fazer uso de instrumentos para a investigação de um estudo que envolve pessoas, processos interativos e os locais que constituem a temática abordada com ênfase para os fenômenos educativos e também sociais.

A execução do projeto “Mãos que falam” deu-se durante o período de vigência (correspondente a 1 ano) do Programa de Residência Pedagógica, aos 30 minutos finais de cada aula ministrada pelas residentes. Inicialmente foi apresentado aos alunos a função social e usabilidade da Libras, bem como, conceito, aspectos históricos, características, parâmetros e vocabulários. E a partir disto, a Língua de Sinais foi introduzida no ensino dos conteúdos programáticos com auxílio de dinâmicas, oficinas e resolução de atividades.

No que concerne à pesquisa, inicialmente foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e legal acerca do objeto de estudo. Para a coleta de dados foi utilizado roteiro de entrevista semiestruturado, tendo como colaboradores, os alunos e a professora regente da sala na qual foi aplicado o projeto, uma vez que estes são protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. Cabe ressaltar que, apesar de autorização concedida por seus responsáveis para que participassem da pesquisa, os nomes dos alunos serão mencionados por meio de incógnitas.

DESENVOLVIMENTO

As línguas de sinais (LS)³ são consideradas naturais, posto que, surgiram da necessidade de comunicação de pessoas com surdez. Possuem regras e estruturas gramaticais próprias, que lhes atribui o caráter de Língua. Além de serem capazes de transmitir quaisquer conceitos, sejam abstratos ou concretos, emocionais ou racionais, simples ou complexos por meio delas. Corroborando com Felipe (1997, p. 81):

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que essas línguas são tão compatíveis quanto em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Elas expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-las com função estética para fazer poesias, teatro e humor.

Destarte, as LS não são universais, ou seja, cada país admite sua própria língua e a mesma pode possuir diversas variações de acordo com a região, assim como as línguas orais. No Brasil, historicamente o ensino da Língua de Sinais é datado em 1855, com a chegada do professor surdo francês Eduard Huet trazido pelo imperador Dom Pedro II, com intenção de abrir uma escola para iniciar a educação de pessoas surdas. Em 26 de setembro de 1857 é

³ As línguas de sinais são dotadas de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. Apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. (QUADROS, 1998, p. 64)

fundada então, no Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Surdos-mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. Por sua nacionalidade, a primeira Língua de Sinais ensinada no território brasileiro foi a francesa e, ainda hoje, é possível perceber sua influência nos mais diversos sinais.

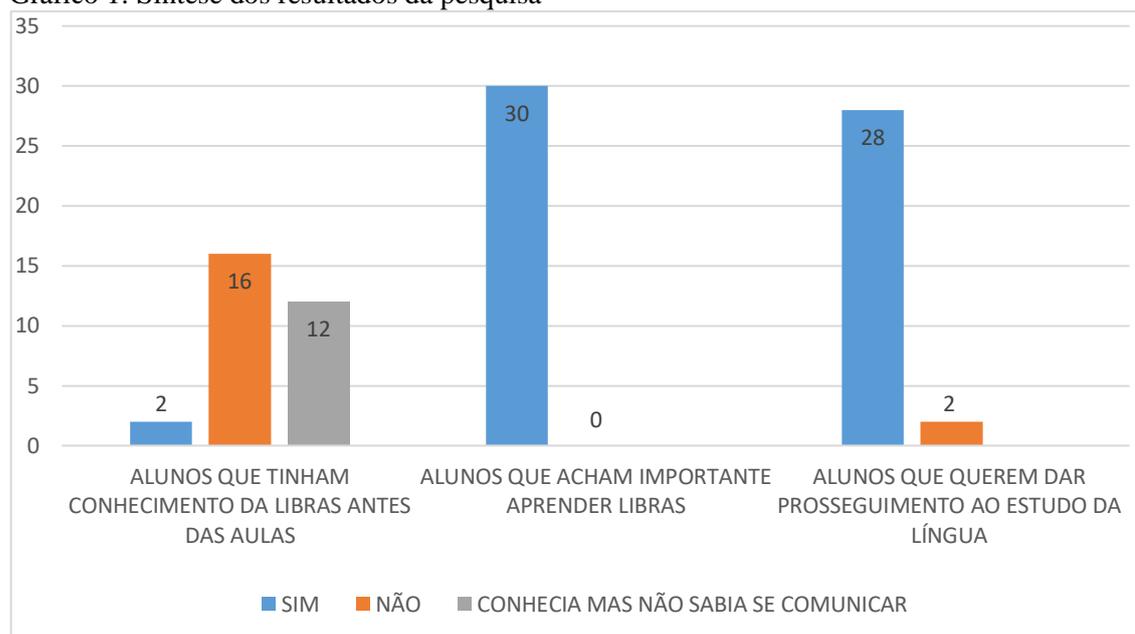
Todavia, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, somente adquiriu status linguístico em 24 de abril de 2002 com a sanção da Lei nº 10.436, regulamentada pelo decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que a reconhece como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras. Esta mesma lei, em seu Art. 2º prevê ainda que “o poder público e as concessionárias de serviços públicos devem garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva.” (BRASIL, 2002, s/p)

Nessa perspectiva, ressaltamos que o ensino da Libras na educação básica traz contribuições não só para a inclusão social e educacional do surdo, mas também para ouvintes. Diversos estudos têm evidenciado que o convívio de pessoas com e sem deficiência promove o acesso a uma ampla gama de papéis sociais, desenvolve o respeito às diferenças, favorece a cooperação e a tolerância, além de melhorar o desempenho escolar, como afirma Dutra e Santos (2015, s/p), o ambiente inclusivo potencializa o desenvolvimento integral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como supracitado, os resultados da pesquisa foram obtidos, em parte, utilizando um roteiro de entrevista semiestruturado disponibilizado aos alunos. Para tanto, foi analisada a produção das crianças acerca de suas percepções sobre as situações vivenciadas. Dessa forma, observou-se que a exploração de outros recursos como a Libras são diferenciais importantes no processo de ensino, bem como, para a construção e representação dos conhecimentos apreendidos pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e Matemática. O gráfico abaixo é resultante da pesquisa realizada em sala.

Gráfico 1: Síntese dos resultados da pesquisa



FONTE: As autoras (2019)

Dado o exposto, é possível inferir que antes do projeto mais da metade da turma desconhecia a Libras. Dos trinta alunos, apenas dois conheciam alguns sinais básicos, posto que conheciam parentes ou amigos com surdez. Destacamos ainda que, durante a sondagem inicial observou-se que os poucos alunos dos quais apenas tinham ouvido falar sobre a língua, acreditavam que a Libras tratava-se de gestos e mímicas e que os surdos eram também mudos de nascença, fatos que foram desmistificados durante as aulas. Dentre os resultados mais exitosos, ressaltamos que o projeto despertou nos alunos o anseio de aprender mais e dar prosseguimento ao estudo da Libras. Bem como, se mostravam mais motivados a participar das aulas quando a mesma era utilizada como um dos recursos para ensinar os conteúdos didáticos.

E, neste sentido, os resultados mostram ainda que o uso de metodologias diferenciadas e que privilegiam o uso das habilidades corpóreas como: língua de sinais, imagens viso-espaciais e expressão corporal são positivas no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, permitindo as crianças exercerem a capacidade de atenção e concentração, assim como, o estímulo da cognição e a criatividade. O que confirma Saloni (2018, p.34) “o ensino da Libras para crianças ouvintes tem o poder de estimular habilidades cognitivas provenientes dos estímulos que o bilinguismo proporciona ao cérebro”.

Destarte, tal prática é prevista nas competências gerais propostas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, sob a prerrogativa de que o ensino nacional deve promover o desenvolvimento integral do aluno, tanto em termos cognitivos quanto socioemocionais. A saber:

Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 18)

Nessa perspectiva, destacam-se as percepções de algumas crianças entrevistadas acerca do ensino dos conteúdos didáticos com auxílio da Libras: *“Eu aprendi muito melhor e até consegui entender assuntos que não conseguia aprender com a libras.”* (ALUNO A, 11 anos), *“Com Libras a aprendizagem é muito mais rápido e legal, aprendi a fazer continhas e achava muito difícil”* (ALUNO D, 10 anos), *“Gostei muitos das aulas, ficaram mais divertidas, fácil de aprender”* (ALUNO B, 10 anos), *“Muito importante e interessante, por que [sic] além de aprender os conteúdos, aprendi uma língua nova e posso me comunicar com surdos agora”* (ALUNO C, 11 anos).

Outrossim, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no Brasil cerca de 9,6 milhões são surdos ou deficientes auditivos⁴, sendo a Região Nordeste apontada como a região que apresenta maiores percentuais. Em geral, os surdos não apresentam problemas cognitivos, salvo alguns casos em que a surdez é acompanhada de outros comprometimentos. Todavia, os obstáculos encontrados pela defasagem auditiva deixam os alunos surdos em situação desfavorável em relação as outras crianças ouvintes, num contexto em que a comunidade escolar que desconhece a sua língua usual não estabelece uma comunicação natural com os mesmos, o que explica o alto índice de evasão escolar desse público.

Diante do exposto, é imperativo que se detenha um olhar mais atencioso à causa, pois a existência de todo amparo legal não garante o sucesso de práticas inclusivas. Nesse sentido, o projeto Mãos que falam trouxe grande contribuição, visto que, oportunizou a vivência de situações de aprendizagem favoráveis a todos independente de sua condição biopsicossocial. No entanto, não é possível debater sobre as necessidades do ensino e propostas educacionais, sem mencionar a prática docente e o papel do professor diante desta realidade. Corroborando com Sales (2010, s/p):

[...] são os professores que, com o seu trabalho, corporificam as diretrizes traçadas para a educação e, só será possível esperar que os discentes interajam com os

⁴ Nascimento e Santos (2016, p.17) conceituam os surdos como os indivíduos que independente do grau de perda auditiva, interagem com o mundo por meio da Língua Brasileira de Sinais e que por meio dessa experiência linguística se identificam com a comunidade surda, sua cultura e suas lutas, buscando uma perspectiva bilíngue de aprendizagem e interação social. E os deficientes auditivos ou pessoas com deficiência auditiva, às pessoas que possuem perdas auditivas, porém que não fazem uso da Língua Brasileira de Sinais e nem participam da comunidade surda brasileira.

conteúdos, tenham aprendizagens significativas, se os docentes adequarem sua prática a esta nova realidade social.

Nesse contexto, destacamos o relato da professora regente da classe em que foi aplicado o projeto:

O projeto Mãos que falam mostrou-se de grande significância, apesar de não termos nenhum aluno surdo no momento, é preciso estar sempre preparado para atendê-los, já tive um aluno surdo em outra escola em que trabalhei e o ensino era muito difícil quando a intérprete estava ausente. A extensa e exaustiva jornada de trabalho dificulta dar continuidade nos estudos, mas sempre buscava informações na internet e pedia ajuda aos colegas que entendiam da área. Hoje, por meio do projeto, eu, assim como as demais crianças aprendemos muito sobre a Língua e ainda facilitou a assimilação dos conteúdos. (PROFESSORA, 2019)

Faz-se necessário, pois, a reinvenção de práticas pedagógicas, bem como, um maior incentivo, por parte das Secretarias de Educação e demais instituições responsáveis, à capacitação e formação continuada de professores, para que com isso se dê o aperfeiçoamento e atualização de suas práticas escolares.

Destaca-se, sobretudo, a importância de realizar um trabalho de sensibilização com os alunos, pois não basta saber se comunicar. É preciso ter em mente o motivo de se usar uma língua diferente da usual, trabalhando o respeito e a construção de consciências de reconhecimento dos direitos da pessoa surda em sala, para que aquele aluno que possui deficiência se sinta acolhido, não apenas pelo fato dos colegas e professores saberem se comunicar com ele, mas, por se sentir respeitado como pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É admirável o importante papel que a Língua Brasileira de Sinais exerce na escola, posto que, o relacionar-se envolve a comunicação nos aspectos orais, espaço-visuais e expressões corporais. Não se imagina uma criança no ambiente escolar que não troque palavras com outra, mesmo que em poucas frases, existe uma interação que oportuniza aos interlocutores do diálogo, o desenvolvimento natural e interativo próprios do ser.

No processo desta pesquisa faz-se relevante apontar que a descoberta dos saberes aconteceu tanto para docentes como discentes, tendo em vista que o projeto "Mãos que falam" desenvolveu-se pela disposição dos alunos em querer aprender mais sobre a Libras. Nessa perspectiva, este projeto possibilitou uma aprendizagem dos conhecimentos programáticos

junto ao uso da língua de sinais, demonstrou que a falta do conhecimento acerca da Libras colabora para a propagação de preconceitos que são rotineiramente identificados nas falas. Muitas dessas frases infundadas foram ouvidas em sala de aula, o que acentuou o pensamento de que essa língua deve ser trabalhada no ensino regular.

Ao deparar-se com os resultados é possível observar o crescimento na constituição dos conceitos; o cuidado com as palavras; a forma como se referem a uma pessoa surda; o entendimento que o fato de não oralizar não interfere no cognitivo dos surdos. Percebeu-se também que quando utilizada a LS de forma interdisciplinar, a concentração e disposição para resolver atividades cotidianas aumentaram significativamente. Além de um conhecimento que se manifestou em respeito às diferenças e, dessa forma, a inclusão deve ser entendida não como espaço, mas como vivência e interação.

A pesquisa foi realizada com ouvintes, na intenção de que esse conhecimento construa consciências pautadas no respeito, na solidariedade e no desejo de estudar de forma mais efetiva a Língua Brasileira de Sinais. Por fim, fica registrado nesse artigo a necessidade de se abrir para a discussão da Libras nas escolas regulares de ensino, afim de estreitar os estudos científicos com a vivência escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

_____. **DECRETO Nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm> Acesso em: 14 set 2019.

_____. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002:** Art. 1, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em 14 set 2019

DUTRA, Claudia Pereira; SANTOS, Martinha Clarete Dutra dos. **O direito de todos à educação:** avanços na política de educação inclusiva. Fundação Perseu Abramo.2015.

FELIPE, Tânia A. **Introdução à Gramática da LIBRAS** (Série Atualidades Pedagógicas). Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** São Paulo: Cortez, 1995.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 19 set 2019.

NASCIMENTO, Grazielly; SANTOS, Reinaldo dos. **Educação, inclusão e TICs:** legendas e janelas de Libras como recurso para inclusão da pessoa surda e da pessoa com deficiência auditiva. São Leopoldo: 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. **Aquisição de Linguagem por crianças Surdas** (Série Atualidades Pedagógicas). Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1998.

SALES, Elielson. **Matemática e ciências na cidade:** um projeto de ensino interdisciplinar com alunos surdos. Salvador: X Encontro Nacional de Educação Matemática - ENEM, 2010.

SALONI, Roberto. **Por que ensinar libras para crianças ouvintes?** São Paulo: EDUSP, 2018.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.